

LITERATURA **maria antonieta**



A MÃE DE TODAS AS RAINHAS



Novo livro sobre Maria Antonieta mostra o elegante e requintado percurso do maior ícone feminino de todos os tempos

Por Nirlando Beirão

Cite um desses ícones fashion que a gente tem no horizonte - Lady Di, Madonna, Jackie Kennedy, Coco Chanel - e nenhuma dessas fabulosas mulheres terá chegado, em *aplomb*, em atitude e em densidade simbólica, à barra dos babados de Maria Antonia Josepha Johanna, arquiduquesa da Áustria e, por 23 anos, rainha de França - a vilipendiada, a odiada, mas jamais ignorada Maria Antonieta.

A moda, para ela, foi muito mais do que capricho pessoal. Foi sobrevivência e, paradoxalmente, desdita. Signo distintivo de expressão insubmissa, num território minado por invejas cortesãs e regido por uma etiqueta opressiva, as extravagâncias de seu vestuário acabaram, porém, aos olhos do povoado *enragé*, espelhando o que de pior havia no *ancien régime* dos Bourbons. E, ao fim, Maria Antonieta, que sempre se manteve estrangeira no exílio de Versalhes, padeceu da mesma e triste sina daqueles que com tanto desprezo a receberam entre eles. À começar pelo seu relutante marido, Luís XVI - sujeitinho tão esquivo que levou sete anos para consumir o casamento com a loira de sangue azul.

O furacão Maria Antonieta, agora com delicadeza de brisa, sopra por aí. Em parte para reescrever a História com tintas de comiseração e arrependimento, um *mea culpa* coletivo pelos rigores sangrentos da Revolução, daquela, de 1789, e de todas as outras. Mas o que insufla de fato a maré

Na página anterior, *Maria Antonieta trajando vestido de corte*, de Jean-Baptiste Guatier-Dagoty (1775). No alto, sátira anônima mostra a cabeça de Maria Antonieta em uma harpia, monstro da mitologia grega com cabeça de mulher e corpo de passaro (1789)



Acima, gravura de autor desconhecido mostra a rainha em vestido que pouco lembra a realeza [1785]. Na página ao lado, *Maria Antonieta no Petit Trianon*, de Adolf Ulrik von Wertmüller, apresenta a rainha com seus dois filhos mais velhos [1785]


de livros, filmes, exposições sobre a rainha que perdeu a cabeça é a ansiedade de nossa sociedade do espetáculo de, a cada momento, reinventar seus ídolos, atuais ou antigos, escavando o passado como se ele não fosse senão camadas de um *star system* cujos protagonistas se alternam no tempo, em competição de glitter e de glamour. Quem melhor, na galeria de ícones perenes, do que a excessiva, esfuziante, controvertida rainha? Houve a recente biografia escrita pela inglesa Antonia Fraser, que inspirou o trepidante filme pop-rock de Sofia Coppola. No Grand Palais de Paris (tudo o que se diz de Maria Antonieta parece exigir a palavra *grand*), enterrou-se neste verão europeu não uma exposição, mas a celebração hagiográfica de uma princesa tontinha, mas de aguda inteligência, que caiu no antro de fidalgoes alienados e no leito de um marido indiferente. *Rainha da Moda*, de Caroline Weber (Jorge Zahar Editor, 456 páginas, R\$69), acompanha o elegante, requintado percurso que levou Maria Antonieta de *fashion addict* a *fashion victim*. Insiste em dizer que Maria Antonieta, no seu esmero de poufs e plumas, ao mesmo tempo em que rejeitava os espartilhos de barbatana de baleia, emblemático padrão indumentário da corte hostil, impôs, face ao protocolo bourbon, a autonomia desafiadora de seu vestuário e de sua aparência. Era coquete e fútil – reclamavam os súditos, nobres ou plebeus, os quais nunca a engoliram. Mas a rebeldia da menina era politicamente premeditada. Até diante do patíbulo, fez de sua palidez *deshabillée* uma declaração fashion. Caprichou, dentro do possível, na toailete imaculadamente branca.





Ao lado, *O triunfo do amor: balé executado pelas arquiducas e arquiducasas da Áustria por ocasião do casamento de José II* (detalhe), de Georg Weikert, mostra a infância de Maria Antonieta (1765)

O que era visto nela como capricho foi esmerada estratégia de construção de imagem. Passou meses rejeitando o retrato oficial, até que se encantou por aquele exagero de rendas pintado por uma mulher: Elisabeth Vigée Le Brun. "A senhora me fez um dia de delícia", agradeceu-lhe a rainha (em carta citada na exposição do Grand Palais). Recorreu de novo à Mme. Le Brun ao ser ver engolfada no "escândalo do colar" – intriga ruidosa que envolvia a rainha ao desafortunado cardeal de Rohan.

O poder – ela sabia tanto quanto soubera o Rei Sol Luís XIV – é o império da aparência. Após o escândalo, a febril *autrichienne* – trocadilho insultuoso, com referência a *chiienne*, cadela – deixou-se retratar, em enlevo doméstico, junto aos filhos. Caseira, manuseava rosas. Uma flor de dedicação familiar. Pode ser até que as imagens ilusórias de Elisabeth Vigée Le Brun, marqueteira *avant la lettre*, tenham produzido algum efeito. Mas a realidade é sempre mais forte. Em 1775, Maria Antonieta escrevia à irmã: "Há carestia de pão, mas ainda somos aplaudidos quando vamos a Paris". Quatorze anos depois, os sons que vinham da Bastilha não sugeriam nenhum tipo de apreço ou de consideração. 

Rainha da Moda - Como Maria Antonieta se vestiu para a Revolução, Caroline Weber, Ed. Zahar, 456 páginas.